

# ANTONIO AUGUSTO DE VASCONCELOS

## ANTÔNIO MARTINS FILHO

(Discurso proferido na Academia Cearense de Letras, na sessão especial comemorativa do centenário de nascimento do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos).

Reune-se, em sessão especial, a Academia Cearense de Letras, para comemorar o centenário de nascimento do ilustre Doutor Antônio Augusto de Vasconcelos.



Em verdade, a memorável efeméride de hoje, sôbre constituir motivo de júbilo para o meio cultural do Ceará, enecrra, para êste augusto Sodalício, conteúdo especia-  
líssimo. É que, desde a data longínqua de sua fundação — 15 de agosto de 1894 — até o dia 10 de março de 1930, o nome do emérito homenageado desta noite honrou e dignificou o quadro de sócio efetivo dêste cenáculo de letras, de que foi, aliás, um dos mais fortes esteios.

Lamentavelmente, porém, não tive a ventura de conhecer pessoalmente o patrono da Cadeira nº 4, de que sou o atual ocupante, não podendo, em consequência disso, focalizar com realce as fulgurações de sua inteligência excepcional, servida por cultura ao mesmo tempo equilibrada e robusta.

Em tais circunstâncias, se escasseam os elementos de que poderia utilizar-me, para o perfeito e cabal desempenho da nobre incumbência que se me impõe, avulta, em meu favor, o sincero desejo d analisar, com os recursos de que disponho, a personalidade do meu eminente antecessor. É que o Doutor Au-

tônio Augusto foi autêntico representante de uma geração de homens notáveis pela iniciativa e pelo saber, de cuja brilhante atuação resultou, em grande parte, o gôsto pela pesquisa dos fatos históricos regionais e nacionais, o devotamento ao cultivo das belas letras, a disseminação dos ensinamentos jurídicos nesta decantada Terra de Sol.

\*

\*   \*   \*

Filho de Justiniano Augusto de Vasconcelos e de dona Francisca Cândida de Vasconcelos, nasceu Antônio Augusto na cidade de Maranguape, no dia 23 de dezembro de 1852.

Concluída a sua instrução primária, de logo se foi acentuando o seu pendor pelos estudos.

Nos exames de humanidades, realizados no Liceu do Ceará, obteve sempre notas distintas, mercê de viva inteligência e de comprovada aplicação.

Atendendo aos desejos paternos, ingressou no Seminário Diocesano, ali grangeando, progressivamente, admirável aproveitamento nos estudos eclesiásticos. Ao concluí-los, já se destacava pelos dons da oratória e fértil imaginação, bem como por apreciável cultura literária, filosófica e clássica.

Permaneceu no Seminário até 1874, não tendo obtido por falta de idade, a ambicionada ordenação. Esta circunstância lhe transformou substancialmente o curso da vida, pois, retornando ao lar paterno e entrando em contacto com o mundo, desistiu do sacerdócio, com profundo pezar para o seu querido genitor.

Conservou, porém, intacta a sua fé, de que deu provas sobejas, através de longa e proveitosa existência.

Ultimando o curso de humanidades no Liceu, houve por bem transferir-se para a cidade do Recife, cuja famosa Academia de Direito passou a frequentar.

Naquele importante centro de irradiação das idéias jurídicas, literárias e filosóficas, não se deixou seduzir pela boêmia predominante nas famigeradas *repúblicas*, nem tão pouco se con-

taminou do materialismo das escolas veiculado à guisa de reação aos princípios religiosos. Conservou-se fiel aos seus hábitos e costumes pretéritos, reafirmando as suas qualidades de caráter e de inteligência, aliás, as duas armas com que sempre lutou e com que sempre venceu. Tanto é assim que, a 5 de novembro de 1880, com a idade de 28 anos incompletos, eis que se bacharelou em direito com a nota de distinção, por muitos desejada e a tão poucos conferida.

Mas, não foi sem sacrifício que alcançou a objetivação do seu ideal universitário. Estudante pobre, teve de recorrer ao magistério particular, afim de conseguir os recursos materiais indispensáveis ao custeio de sua preparação científica. Lecionou no Colégio Ponte d'Uchoa e no Colégio S. José, do qual, aliás, foi vice-diretor.

A 12 de julho de 1879, antes portanto, de haver conhecido os estudos superiores, contraíu núpcias com dona Cesária Barreto Carneiro Leão, dama de finos predicados e recebento ilustre de uma das mais distintas famílias pernambucanas.

Regressando ao Ceará o jovem bacharel teria forçosamente de seguir a mesma trajetória da maioria dos seus colegas de profissão.

Com efeito, serviu de Promotor Público nas comarcas de Canindé e de Granja, passando a exercer, a partir de junho de 1882 as funções do cargo de juiz Municipal de Aracati e de Pereiro.

No seu peregrinar pelos termos e comarcas do interior da Província, a par da altivez de atitudes de que deu provas edificantes, jamais se esquivou de cumprir o seu dever cívico, notadamente como incansável batalhador pela causa da instrução.

Em Granja, fundou um jornal, uma escola popular e um Gabinete de Leitura, conquistando, assim, as afeições dos habitantes daquela localidade.

Em Pereiro, deu prosseguimento à sua obra social, não só promovendo a instalação de um Gabinete de Leitura e de uma escola de alfabetização para menores, mas, principalmente, como ardoroso propugnador da campanha da abolição. Sob êste aspéc-

to' injustamente esquecido pelos historiadores, o seu trabalho foi sobremodo admirável, pois teve a ventura de redimir todo o termo, com a libertação de mais de 250 escravos.

Terminado o quadriênio funcional, em julho de 1886, fez jús a promoção para a Justiça vitalícia. Deixou, porém, de aceitar a sua designação para o cargo de Juiz de Direito de Bréves, no Pará' ou porque não sentisse mais inclinação para a judicatura, ou porque não lhe fôsse agradável ausentar-se do Ceará.

Por outro lado, não seria compatível com os seus pendores intelectuais permanências mais prolongada em pequenas localidades do interior.

Sentia inelutavelmente a atração do litoral, movido pelo natural desejo de horisontes mais amplos e visão mais dilatada para o estudo e meditação dos altos problemas que lhe inquietavam o espírito, nos domínios da pedagogia e das ciências sociais.

Então, afastado da magistratura, deliberou fixar residência nesta cidade de Fortaleza, entregando-se às lides do magistério, da advocacia e do jornalismo.

A essa época ocorreu a fundação do Instituto do Ceará, com a nobre finalidade de pesquisar e difundir os fatos de nossa História e as peculiaridades geográficas da Província e, subsidiariamente, propugnar pelo desenvolvimento geral das ciências, das letras e das artes.

Sócio fundador da utilíssima instituição, de cuja Cadeira n.º 6 foi ocupante até a data em que faleceu, Antônio Augusto jamais tergiversou em prestar-lhe assinalados serviços, com o fulgor da sua palavra espontânea, sugestiva e fluente.

Nomeado diretor da Biblioteca Pública em 1887, dois anos depois passou a integrar, como professor de História, o corpo docente da recém fundada Escola Militar do Ceará.

Com o advento da República e consequente predomínio das classes militares, resolveu conservar-se à margem dos acontecimentos, numa prudente atitude de auto-defesa, em relação ao tumultuar das paixões em franca efervescência, na fase inicial do regime nascente.

Serenados os ânimos' passou a militar na política partidária.



ria, não obtendo, o êxito a que faziam jús as suas qualidades personalíssimas.

É que, já àquêlê tempo, valor e cultura não se coadunavam com os processos e mistificações de que, em geral, se utilizam os políticos profissionais.

Apesar da ação concorrente de amigos afortunados, por mais de uma vez exerceu o mandato popular como deputado à Assembléia Estadual. Alí, sempre agiu com altivez de atitudes, em flagrante contraste com alguns dos seus pares. Êstes, com efeito, jungidos a uma disciplina que se confundia com subserviência, mostravam-se incapazes de um ato que exteriorizasse valentia moral, sem prévia audiência do govêrno.

Mas, não lhe foi totalmente prejudicial a participação nas esferas da política. É que, por seu intermédio conseguiu fazer triunfar várias medidas úteis ao Estado, no plano superior da instrução e da educação.

Amigo e partidário do Comendador Nogueira Accioly, dêste obteve integral apôio à idéia de fundação de uma Academia de Direito em Fortaleza, iniciativa das mais arrojadas e de que foi o principal animador.

Grandemente coadjuvado pelo seu amigo Tomaz Pompeu, empenhou-se de tal modo pela concretização do louvável empreendimento que, no ano histórico de 1903, foi fundada e a seguir, instalada a Faculdade Livre de Direito do Ceará.

Professor da incipiente instituição, com o brilho e a erudição das suas famosas preleções muito concorrereu para a formação de sucessivas turmas de juristas, que passaram a se destacar nos quadros do Poder Judiciário, no exercício da advocacia, nos cargos electivos do Estado e da Nação, no jornalismo e no magistério em suma, nos superiores destinos do Ceará.

Com a derrocada de que resultou a queda do Comendador Acioly, encerrou Antônio Augusto a sua atividade político-partidária.

Passou, desde então, a dedicar-se exclusivamente aos misteres de sua cátedra universitária, em que pontificou, com incomensurável prestígio, durante dois decênios consecutivos.

Repositório de excelsas virtudes cristãs, foi sempre esposo dedicado e pai boníssimo. Chefe de numerosa prole constituída de 15 filhos, teve a graça de vê-los adultos, formados e prestigiados no meio social e intelectual em que passaram a atuar. Além de dona Júlia de Vasconcelos, Carlos de Vasconcelos, Leão de Vasconcelos e tantos outros, igualmente ilustres, não me furto ao desejo de citar o nome dêste querido amigo e brilhante espírito, que é Abner Carneiro Leão de Vasconcelos por circunstância que desejo focalizar. Foi êle efetivamente, o primeiro aluno a matricular-se na Salamanca cearense. Foi também o primeiro que, após curso completo, colou grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, na mesma Faculdade de Direito. Percorreu toda a escala cromática da magistratura, sendo hoje Ministro Presidente do Tribunal Federal de Recursos, com relevantes serviços prestados à Justiça do país, quer alí, quer no Superior Tribunal Federal, onde, periodicamente, é convocado a funcionar.

Antônio Augusto de Vasconcelos foi exemplo de operosidade, de dedicação à causa da ciência e da cultura, de amor e devotamento à sua terra natal.

Na propecta idade de 70 anos completos encerrou a sua atividade público. Mas, não relegou o constante manuseio dos livros, que considera os seus melhores amigos. É que a Filosofia, a Sociologia, a História, a Literatura e a Religião continuaram a constituir, para o seu espírito de escola, essencial predileção.

Oito anos depois, confortado por fé cristã inabalável, pela dedicação de sua numerosa e ilustrada família, pela estima e respeito dos seus amigos admiradores, que eram muitos — faleceu nesta cidade de Fortaleza, precisamente a 10 de março de 1930.

\*

\* \* \*

Através da suscinta resenha biográfica que acaba de ser feita, tereis uma idéia do que foi em vida o insigne homenageado desta noite.

Nada vos disse, porém, de sua obra escrita, por circunstância que importa salientar.

Ela é pobre na extensão, se bem que perfeita na substância e impecável quanto à forma. É que Antônio Augusto foi, acima de tudo, genuíno artista da palavra falada, notadamente o maior e o mais completo de quantos, neste setor, já existiram no Ceará.

Improvisador por excelência, não teve a preocupação de reproduzir e de fixar em letra de fôrma a sua vasta e erudita produção.

Sem os recursos hoje possibilitados pela taquigrafia, todo o caudal de sua belas imagens, de seus conceitos ajustados e precisos, de suas frases cintilantes e metrificadas, perdeu-me lamentavelmente na voragem do tempo. Apenas permaneceu, imprecível e inapagável, na memória dos que tiveram a satisfação de ouvi-lo, a lembranças das suas belíssimas preleções, dos seus improvisos matizados de colorido artístico insuperável, das suas formosíssimas alocações, que constituíam o deleite dos auditórios de então.

Não obstante, jamais poderíamos subestimar a influência decisiva que Antônio Augusto exerceu, mercê das suas qualidades personalíssimas de orador, na paisagem humana e no meio geográfico em que êle viveu.

Se cotejardes a história universal da eloquência, vereis que esta — como acentua Hélió Sodré — “entre todas as artes, é a que traz, em si, maior força *expressiva*. Um quadro, reproduzindo heróis pode sugerir, aos seus contempladores, a idéia de que também devem ser heróis; uma escultura representando um corpo humano perfeito pode despertar o desejo da perfeição física; uma música contendo imitação do canto de pássaros pode fazer com que seus ouvintes sintam vontade de se dirigir ao campo; um poema, descrevendo o amor, pode tornar generalizado o prazer de amar. Mas, só a eloquência exprime e impõe, ao mesmo tempo, sentimentos, desejos e emoções. Toda arte sugere, comunica, convida. Mas a eloquencia impõe. O efeito das outras é lento; o da oratória imediata. Um livro —

palavra escrita — pode gerar uma revolução. Mas a eloquência — palavra falada — pode desencadear uma revolução. Um livro age vagarosamente; a eloquência, vertiginosamente. E isso precisamente porque a eloquência não se satisfaz, apenas, em expressar um sentimento ou traduzir uma idéia. Os objetivos da eloquência são de proporções bem mais vastas. Além de expressar, aspira *convencer* e *persuadir*. Vale dizer: o orador visa, no momento mesmo em que fala, vencer todas as resistências em contrário”.

Essas judiciosas assertivas de Hélio Sodré estão exuberantemente comprovadas, se observardes, por exemplo o poder sugestivo da eloquência de Péricles e de Demóstees, em Atenas; de Cícero e de César, em Roma; de Mirabeau e Gambetta, na França; de Pitt e O’Connell, na Inglaterra; de Daniel Webster e de Lincoln, nos Estados Unidos; de Castelar, na Espanha; de Vieira de Castro e José Estévam, em Portugal, de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, no Brasil.

Estabelecidas as proporções no espaço e no tempo, não seria demasiado incluir, a par desses gigantes da oratória, o exemplo que nos legou Antônio Augusto Vasconcelos, através da arte da eloquência em que foi mestre insuperável no Ceará.

O poder da imaginação, a finura da palavra, a voz empolgante, os gestos adequados, a dramatização perfeita — eram importantes atributos que lhe realçavam a personalidade e que lhe completavam o êxito na tribuna.

Antônio Augusto foi, na realidade, perfeita organização de intelectual, mas foi, acima de tudo, grande artista da palavra falada, na mais legítima expressão desse tempo.

De tudo isso emana o sentido das manifestações de apreço que ora lhe tributam o Ceará e as suas instituições culturais.

E é exatamente por isso que, reunida em sessão especial, lhe presta a Academia Cearense de Letras — a que êle sempre pertenceu e dignificou — as suas homenagens, o seu reconhecimento, o culto cívico de sua imperecível veneração!